



Henrique Hargreaves

Hargreaves, a sombra do Planalto

Tânia Fusco

Brasília — Na noite de terça-feira, no auge da crise entre o governo e a Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães tentava, na ante-sala da presidência da Câmara, um acordo entre as lideranças. Um homem chegou à porta, mas não entrou. "Por quê?" — perguntaram. Ele voltou-se, surpreso: "Ora, se eu entrar aí vou caracterizar a interferência do Executivo no Legislativo."

São 559 constituintes e existem pelo menos cinco líderes em ação no Congresso. Mas nos debates da Constituinte o personagem mais importante tem sido esse homem de 50 anos, 23 dos quais passados no Congresso sem jamais ter mandato eletivo, um dos maiores experts em artimanhas regimentais e conchavos políticos. É o assessor parlamentar do Gabinete Civil da Presidência, Henrique Hargreaves.

Durante a semana passada, Hargreaves teve oportunidade de esbanjar seus métodos de fazer política. E, entre uma passada e outra no plenário (para, por exemplo, cochichar longamente com o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), arrou seu quartel-general no banheiro da liderança do PFL na Câmara.

Eram 15h30min de quarta-feira. Estavam no banheiro, em missão especial, seis ilustres personagens: Hargreaves, Lourenço, Humberto Souto (PFL/MG), Alcení Guerra (PFL/PR) e Ricardo Fiuza (PFL-PE). Hargreaves recebeu logo depois um reforço vindo diretamente do Ministério da Justiça: o próprio ministro Paulo Brossard.

— Nada mais reservado e íntimo do que um banheiro — disse Brossard, de chapéu na mão, mas não negociou ali. Preferiu mesmo o gabinete do líder, onde, em dez minutos, deu seu recado: Sarney queria a negociação. Tanto Hargreaves quanto Brossard capitaneavam o esforço do governo para barrar a aprovação do parágrafo 7 do artigo 57 do substitutivo de regimento apresentado pelo líder do PMDB no Senado e relator do projeto, Fernando Henrique Cardoso (SP). Por esse artigo, a Constituinte poderia modificar a atual Constituição.

Hargreaves traçou a estratégia do PFL, PDS e PTB: "Vencer pelo cansaço", ou seja, inscrever o maior número possível de parlamentares para falar em plenário e, com isso, retardar o início da votação. A estratégia foi cumprida à risca: até a meia-noite de terça e a manhã da quarta-feira, os governistas aliados ao PDS revezaram-se insistentemente na tribuna, citando generalidades em torno, por exemplo, do filósofo Kant, Winston Churchill e D. Pedro II.

O PMDB não estava disposto a abrir mão do artigo sétimo. Hargreaves descobriu então o banheiro e sacou uma segunda tática: a votação em destaque do artigo. Propiciava a votação e aprovação do regimento como um todo, com a possibilidade de derrota posterior do artigo em si. O presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, Ulysses Guimarães, contudo, jogou uma cartada inesperada e também capturada do atual regimento: exigiu quorum qualificado para que a votação do artigo fosse em separado — ou seja, 280 votos.

Entrou em cena, então, a tática número três de um Hargreaves que trabalhou sem parar durante 20 horas, entre terça e quarta, e que desabafou na sexta-feira: "Foi uma maratona". Esta tática — ou a "última instância", a retirada do PFL do plenário, foi posta em prática às 17h30min do segundo dia de votação, com a adesão do líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, que arrastou uma penca de pemedebistas. Sant'Anna estivera sempre em segundo plano durante as negociações.

ANC 88
Pasta 01 a 05
março/87
017